

## **I CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA** **Portugal: uma Geografia em mudança?**

Paula Cristina Remoaldo\*

Decorreu em Lisboa, no Auditório do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de 17 a 19 de Abril de 1991, o I Congresso da Geografia Portuguesa, com o subtítulo - Portugal: uma Geografia em mudança?, organizado pela Associação Portuguesa de Geógrafos.

Aquando da divulgação do programa do Congresso, sentiu-se que estava, finalmente, a nascer uma tentativa de se colmatar a quase inexistência de uma reunião científica periódica no domínio da Geografia em Portugal. Esta iniciativa viria, posteriormente, a revelar-se fecunda.

O subtítulo do Congresso, também ele profícuo desde a sua criação, terá estado ligado ao facto de os Geógrafos se virem afirmando em domínios que lhes estavam vedados até há bem pouco tempo. Estes domínios são e.g., o campo do impacto ambiental, o ordenamento e o planeamento territoriais,...

O Congresso viria a revelar-se como um espaço de debate bastante participado, contando com perto de quatro centenas de participantes e com Geógrafos das várias vertentes profissionais.

De acordo com as Actas distribuídas no primeiro dia do Congresso, reunidas num único volume, realizaram-se 35 comunicações distribuídas pelas seguintes áreas temáticas:

---

\* Assistente no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

TEMÁTICAS	Nº DE COMUNICAÇÕES.	Nº DE PALESTRAS
A - NOVAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A GEOGRAFIA	6	8
B - GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA: CORTE OU INTEGRAÇÃO	1	1
C - GEOGRAFIA E ENSINO	4	6
D - NOVAS TEMÁTICAS NUMA VELHA CIÊNCIA	6	8
E - DO AMBIENTE À REABILITAÇÃO URBANA	4	5
F - PORTUGAL: LITORAL/INTERIOR, URBANO/RURAL	3	4
G - IMAGEM E TERRITÓRIO	4	10
H - INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA E CARTOGRAFIA	4	6
I - CATÁSTROFES NATURAIS E GEOGRAFIA	3	6
TOTAL	35	54

Viriam a ser apresentadas 39 comunicações, mas aqui apenas daremos conta das que constam das referidas actas.

Numa rápida passagem pelos textos das comunicações, verifica-se bem do interesse e da variedade dos assuntos tratados.

No que concerne ao primeiro tema, seis comunicações foram contempladas. Enquanto alguns dos autores se debruçaram sobre o significado do espaço em Geografia, num momento em que o encurtamento das distâncias é cada vez mais evidente e sobre os reflexos desta situação (Salgueiro, p. 19), outros extravasaram a análise daquela entidade (i.e., o espaço) no contributo que dá às outras ciências sociais (Ferreira; Malheiros). Os autores chamam a atenção para o facto de algumas das ciências sociais contemplarem cada vez mais a componente espacial como elemento importante da sua investigação, aldemente, a Economia, a Antropologia e a Sociologia. Depois de fazerem uma abordagem sobre a crescente importância daquela entidade no campo de estudo daquelas ciências, chegam à conclusão de que, apesar de tudo, a Geografia, desde sempre identificada como "ciência espacial", não terá perdido ainda, para as outras ciências sociais, o objecto em que baseia as suas análises (Ferreira; Malheiros, p. 40).

Saliente-se ainda, dentro desta área temática, uma comunicação preocupada com a mudança e diversidade do espaço rural (Guerreiro, p. 63), enquanto Carminda Cavaco perfilhou a caracterização da agricultura moderna ressaltando os seus êxitos e os seus infortúnios. Viria a ressaltar a emergência de uma nova agricultura, mais ambientalista e produzindo alimentos com mais qualidade, caracterizando-a da seguinte forma: "(...)

*explora a rotação de culturas, a sideração, a diversificação e a sua associação à criação animal, a práticas que permitem a conservação dos solos e da água (não erosão nem contaminações), o controlo biológico das pragas (...) e que exclui adubos químicos, pesticidas e estimulantes do crescimento animal, (...) requer um pouco mais de trabalho relativamente aos sistemas convencionais modernos, o que não constitui problema num contexto de desemprego intenso e de longa duração.*" (Cavaco, p. 92).

No âmbito do tema B, a comunicação de Carlos Alberto Medeiros privilegiou os problemas e perspectivas da Geografia Regional.

"Geografia e ensino", seria outro tema bastante participado, evidenciando-se uma preocupação pela formação inicial de professores de Geografia (Alegria, p. 113), enquanto José Queiroz M. dos Santos, se debruçou sobre a formação de professores de Geografia na F.L.U.P..

No que concerne ao tema "Novas temáticas numa velha ciência", ressaltou-se a importância crescente de áreas temáticas relacionadas com a Geografia Médica/Geografia da Saúde ressaltada por Paula C. Remoaldo e Ana P. Margarido. A primeira, apresentou um trabalho empírico no âmbito daquela temática, com alguns dos comportamentos nosológicos evidenciados pela população na utilização de um serviço de saúde diferenciado, concretamente o Hospital Distrital de Guimarães, a partir de uma amostra recolhida nos boletins dos doentes que afluem ao seu Serviço de Urgência. A segunda, numa perspectiva mais teórica, ressaltou a relação Geógrafa-Geografia Médica.

Novas vertentes foram exploradas, concretamente as actividades de lazer que mereceram a atenção de Eduardo B. Henriques e de Rodrigo Silva, Paula Antunes e José Marques, salientando a expansão do tempo-livre e a valorização social do lazer como algumas das transformações nas últimas décadas no sistema de valores dominante no mundo ocidental. Foi ressaltado "o contacto com a natureza e a prática desportiva" como uma importante valorização social e o redobrar do interesse pela caça enquanto actividade de lazer e motor de movimentos turísticos (Henriques, p. 163).

Numa análise mais abrangente e menos empírica, foram apresentadas as pré-condições e a caracterização sucinta do lazer, salientando que "para a Geografia é importante o estudo e análise das actividades que o constituem, dado estas apresentarem uma organização e expressão espacial específica que as distingue de outras, e por terem cada vez maior importância numa sociedade pré-industrial, (...)" (Silva et al., p. 179).

Ainda neste âmbito, Carlos Nunes Silva, elaborou uma discussão em torno de três questões: "Novas temáticas numa velha ciência: fragmentação ou reforço da unidade disciplinar?"; "Geografia Física e Geografia Humana: corte ou integração?"; "Que novas perspectivas teóricas para o desenvolvimento da Geografia?", enquadradas nas relações entre o poder

político e o território (Silva, p. 205). Este Geógrafo terá chegado à conclusão de que "a unidade da Geografia só pode resultar do facto de ser a 'ciência dos lugares', isto é, a ciência que estuda o território e que o único corte fundamental existente é entre a Geografia Humana e a Geografia Física, no âmbito das perspectivas estruturalista, neo-weberiana e do realismo, porque têm pontos de partida, em termos de teoria do conhecimento, incompatíveis." (Silva, p. 206). Concomitantemente, é da opinião de que "a abordagem e individualização de novos temas e problemáticas pode constituir um reforço da importância social da Geografia (...)" (Silva, p. 207).

Inseridos no tema "Do ambiente à reabilitação urbana", alguns dos palestrantes preocuparam-se com certas formas de intervenção dos Geógrafos naquele domínio, enquanto outros questionaram o papel dos Geógrafos no processo de planeamento regional (Umbelino, p. 233). Revelando uma atitude bastante crítica, este autor indicou uma discordância com o pressuposto veiculado de que os Geógrafos possuem uma enorme capacidade para diagnosticar em planeamento. Paralelamente, aferiu alguns dos factores que poderão contribuir para a pouca operacionalidade do diagnóstico dos Geógrafos, tais como o "bloqueio causado pela quantidade e variedade dos elementos que constituem a análise geográfica", a "herança de atitudes e metodologias objectivamente ultrapassadas", o "prejuízo causado por uma comunidade restrita e estruturalmente centrada no academismo" e a "débil formação técnica" (Umbelino, p. 237-238). Contudo, realçaria a nobreza da fase de diagnóstico em planeamento e acabaria por abordar algumas estratégias para a melhor inserção dos Geógrafos nas equipas de planeamento.

Maria Lucinda Fonseca, inserida no tema G, esboçou alguns traços da imagem de Lisboa juntamente com outras cidades da Europa e do resto do mundo, a partir de um inquérito dirigido a estudantes universitários de várias cidades da CEE, concluindo que "A imagem de Lisboa, aos olhos dos estudantes europeus, apresenta-se como um esboço vago, desenhado a grande distância, com contornos pouco nítidos e sem traços marcantes que permitam defini-la como muito atraente ou repulsiva e, talvez por isso, atribuem-lhe, nas variáveis que distinguimos, à excepção das condições climáticas, pontuações próximas da média." (Fonseca, p. 345). Contudo, este não seria o único trabalho empírico neste âmbito, salientando-se, ainda a título de exemplo, um estudo sobre a imagem que os jornalistas têm de Lisboa em vários domínios (Madeira et al., p. 349-362).

A "Informação Geográfica e Cartografia" revelar-se-ia como um domínio de cariz mais informativo, ressaltando-se Rui P. Julião e Jorge Brandão que se debruçaram sobre os processos de obtenção de dados para cartografia automática, enquanto outros se preocuparam com a importância

dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG/GIS), sua definição, questões metodológicas inerentes e suas capacidades genéricas, tendo concluído que se tratam "de poderosos e sofisticados meios tecnológicos que podem libertar significativamente o geógrafo, numa primeira fase, da pesada tarefa de analisar tão vastos e complexos conjuntos de informação. A possibilidade de cartografar automaticamente e, por conseguinte em tempo record, evita também a morosa e cansativa tarefa da cartografia manual" (Freire, p. 395-406).

Por último, José M. Simões e Carlos Sirgado chamaram a atenção para a pertinência e actualidade de uma visão integradora da problemática dos riscos/impactes enquanto potenciadores/modificadores do espaço, apresentando, neste âmbito, exemplos de duas áreas de estudo distintas - o caso das cheias (Geografia Física), e o das epidemias (Geografia Humana).

O contributo da Geografia Física no estudo e prevenção de riscos naturais mereceu a atenção de José L. Zêzere e Maria L. Rodrigues, enquanto Maria J. Roxo e Pedro C. Casimiro, se preocuparam com as descrições de catástrofes naturais e com o papel do Geógrafo na produção de diagnósticos de riscos e condicionalismos bem como de métodos de análise (Roxo; Casimiro, p. 464).

Durante os trabalhos do Congresso, realizaram-se algumas actividades paralelas. Efectuou-se uma exposição de Cartografia, que contou com a participação do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Lisboa, do Instituto de Geografia da Faculdade de Letras do Porto e do Centro de Geografia da Universidade Nova de Lisboa, entre outros. Simultaneamente, foi levada a cabo uma exposição e venda de publicações do Centro de Estudos Geográficos, do Instituto de Geografia da Faculdade de Letras do Porto, do Centro de Geografia da Universidade Nova de Lisboa, do Instituto de Investigação Científica Tropical e das Selecções do Reader's Digest.

Como complemento, empreenderam-se no último dia do Congresso, excursões ao vale do Tejo, à Serra dos Candeeiros e à Lisboa antiga (exemplo do bairro de Alfama e as acções de reabilitação que lhe estão inerentes).

De tudo, resta-nos a esperança de que em breve se realize novo Congresso e que seja tanto ou mais participado quanto este. A ver vamos!...

Julho de 1991